

23 de novembro

Dia Nacional de Combate ao Câncer Infantojuvenil

Departamento Científico de Oncologia da SBP

O Dia Nacional de Combate ao Câncer Infantojuvenil, celebrado em 23 de novembro, foi instituído pela Lei nº 11.650, de 4 de abril de 2008, com o objetivo de conscientizar a população sobre os sinais e sintomas do câncer infantojuvenil, promover debates e outros eventos sobre as políticas públicas de atenção integral às crianças e aos adolescentes com câncer, além de divulgar os avanços técnico-científicos na área.

O laço dourado da campanha simboliza a cor da fita da consciência do câncer infantojuvenil e o padrão "ouro" necessário no tratamento desses pacientes.

Do ponto de vista epidemiológico, apesar de o câncer infantojuvenil ser uma doença rara em comparação com a doença no adulto, no Brasil, assim como nos países desenvolvidos, ele representa a primeira causa de morte por doença entre crianças e adolescentes de 1 a 19 anos.

O câncer infantojuvenil difere daquele que ocorre no adulto em decorrência do tipo de célula de origem envolvida e dos mecanismos de transformação maligna. Na criança e no adolescente, as neoplasias malignas comprometem, em geral, as células do sistema sanguíneo e os tecidos de sustentação, sendo as leucemias, os tumores do sistema nervoso central e os linfomas as neoplasias mais frequentes.

Os sinais/sintomas do câncer na criança e no adolescente são geralmente similares aos de doenças benignas comuns da infância, motivo pelo qual o pediatra deve estar atento, pois o câncer é uma doença mimetizante.

Na maioria dos estudos hoje disponíveis não há evidências que suportem papel etiológico maior para os fatores ambientais ou outros fatores exógenos no câncer infantojuvenil. Assim, o diagnóstico precoce do câncer infantojuvenil é a estratégia de prevenção secundária mais importante e depende da capacitação de profissionais de saúde, da educação das famílias e da garantia de encaminhamento ágil para centros especializados.

As probabilidades de sobrevida no câncer infantojuvenil variam de mais de 80% nos países de alta renda a menos de 30% nos países de média e baixa renda. No Brasil, uma publicação técnica referenciada pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA), fundamentada em dados de Registros de Câncer de Base Populacional e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), descreve a heterogeneidade regional na taxa de sobrevida. Enquanto, as regiões Sudeste e Sul têm as melhores taxas, de aproximadamente 70% e 75%, respectivamente, a Centro-Oeste apresenta cerca de 65%, a Nordeste, cerca de 60% e a Norte, aproximadamente 50%.

Ações fundamentais para reduzir essas desigualdades regionais na taxa de sobrevida de crianças e adolescentes com câncer no Brasil incluem a redução do intervalo sintomático pré-diagnóstico (tempo do início dos sinais e sintomas ao diagnóstico), o encaminhamento em tempo hábil para o tratamento especializado e a redução das iniquidades de acesso aos centros de referência.